

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

EDITORIAL

Por MANUEL FERNANDO CARVOEIRO

Reflectir sobre o litoral de Esposende é, nos tempos que correm, motivo supremo para expender sentimentos de desalento, quando efectuo uma relação temporal, com as vivências passadas e que hoje guardo em mim, como estímulos de coragem para não ficar «mudo» perante os actos facinoras, que fatalmente dizimam as belezas desta faixa encostada ao mar!

UM GRITO DE ALARME PARA SALVAR A ÁREA DE PAISAGEM PROTEGIDA DO LITORAL DE ESPOSENDE!

Nos anos de meninice adorava contemplar a «alegria» da passarada, que «habitava» nas dunas. Saltitavam os Borrelhos-de-Coleira-interrompida, os Pilritos-Sanderlingos, a Andorinha-do-Mar-de-Testa-Branca; esvoaçavam as Gaiotas-Argêntneas. Era bom sentir o dinamismo vivencial de todos os elementos constituintes de um ecossistema em equilíbrio. Mas, a minha excelsa alegria era alívia, quando via a passarada perseguindo borboletas, enquanto estas poisavam nas flores dos Cardos-Marítimos, no Estorno, nos Cordeiros-do-Mar. Esta vegetação era abundante e cobria montes de areia que se formavam num processo dinâmico, característico dos fenómenos naturais.

O homem utilizava e usufruía esta faixa litoral através de uma postura dialógica, racional e ordenada indispensável para que este micro-espço fosse atraente e harmonioso!

A ACÇÃO DESTRUIDORA DO HOMEM!

A ambição, o desejo de usufruir de uma forma egoísta esta zona tão bonita, a incompreensão perante o dinamismo da natureza, a incapacidade de utilização racional e equilibrada deste espaço litoral provocou a génese do malefício fatal.

Apareceram as primeiras construções, muitas clandestinas, destruindo criminosamente uma enorme área dunar, aconteceu um verdadeiro excídio de pinhais

(Continua na pág. 2)

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

FRANCISCO PIRES CASANOVA

Com esta secção (de perfis) não alimentamos a veleidade de esgotar a lista de todas as pessoas que mereciam figurar no pódio social de Fão, que o mesmo é dizer, ficar perpetuada a sua imagem pelos séculos fora, já que os jornais ou os livros são duas das principais memórias da humanidade. Para muitos deles, e em relação às nossas pesquisas, valeu-lhes o facto de muitos dos seus actos ou a sua própria maneira de ser, terem sido assinalados nos jornais que em Fão ou no concelho se publicaram. Daqueles que ainda estão vivos ou de quem nos recordamos ainda, foi o nosso raciocínio ou a nossa capacidade em emitir juízos de valor que os seleccionou. Outros, porém, que ao longo dos séculos se diferenciaram mas não deixaram testemunhos, ficaram para sempre sepultados no vale do esquecimento. Às vezes, através de pesquisas indirectas, lá vai surgindo um ou outro vulto que, tendo-se singularizado no decurso da sua vida, permaneceriam embrulhados nas folhas do tempo se o acaso ou a perseverança não os trouxessem para a luz. Aconteceu isso, por exemplo, com um comerciante do Porto, nascido em Fão, a que o «faro» do nosso bom amigo Óscar Fanguero trouxe para as colunas deste jornal. Hoje, através do notável trabalho publicado em vários fascículos do Boletim Cultural de Esposende pelo dr. Alberto Antunes Abreu, intitulado *O Arquivo e as Origens da Santa Casa da Misericórdia de Fão* vamos revelar uma personagem a quem a nossa terra deve a fundação da sua Misericórdia: trata-se de Francisco Pires Casanova falecido em Novembro de 1629. É pois um perfilável embora o contorno da sua perso-

nalidade nos apareça muito esbatido, pois dele ficamos a saber apenas as referências que à sua pessoa são formulados pelo autor do texto acima mencionado.

Quem foi este emérito fanguero para que o tragamos à luz da publicidade? Foi com efeito o fundador e primeiro legatário da Misericórdia de Fão que, como já vimos em tempo, foi criada nos fins do séc. XVI. Isto bonda para o achamos destacável dos outros conterrâneos da época. No entanto, e com o auxílio do dr. Abreu, é possível avançar com outros pormenores ou atributos que ressaltam da sua pessoa.

A priori e um tanto dedutivamente (Jaime Cortesão foi um historiador que defendeu o raciocínio dedutivo como base também da fundamentação historiográfica) concluímos que se tratava de uma pessoa com boa índole para quem o próximo contava mais do que a sua pessoa. Foi pois um bairrista e um homem que se preocupava com a miséria alheia. Exerceu a profissão de pescador, profissão que no seu tempo ocupava grande parte dos seus conterrâneos. Eram a pesca e o trabalho nos campos as actividades mais salientes numa terra com as características de Fão: abraçada pelo mar e pelo rio.

Teria sido o primeiro provedor? Não sabemos. De acordo com o que nos revela Fernando da Silva Correia na sua obra intitulada «Origens e Formação das Misericórdias Portuguesas» eram necessárias treze pessoas — o provedor e 12 oficiais para preencher o quadro social de uma Misericórdia. Metade dos eleitos deviam ser oficiais mecânicos (artífices) e os outros gente da «melhor condição». Esta exigência foi requerida pela rainha D. Leonor (esposa de D. João II) para a Misericórdia de Lisboa, mas a Misericórdia-Mãe serviu de modelo para as restantes do país.

O Provedor teria de ser nobre segundo Gosdolphin, citado por Fernando Correia. Esta obrigatoriedade ter-se-ia aplicado a Fão? Perguntando de outra maneira: teria sido Provedor este nosso conterrâneo de quem vimos falando?

Já dissemos atrás que Francisco Casanova era homem de teres e de haveres. De onde lhe teria vindo a riqueza? A. Abreu diz que ele tinha uma «fortuna considerável», deixando assim a porta aberta para a hipótese de FC ser igualmente homem de negócios.

Lembre-se que este tipo de proprietários rurais chegaram em muitos casos a ultrapassar a fortuna dos nobres pois além das terras que possuíam eram enfitéutas em relação às terras da classe nobiliárquica.

Foram os seguintes os bens legados por Francisco Casanova: o campo da Reboça (em Fonteboa); a Bouça Grande também chama-

(Continua na pág. 2)

ASSINATURAS

Mais uma vez vimos lembrar aos nosso prezados leitores a necessidade de pagarem a assinatura. Como sabem e compreendem, «O Novo Fanguero» faz-se em Fão, é essencialmente um jornal fanguero, e isso impede de ser beneficiado com a publicação de editais camarários e outros anúncios oficiais que constituem uma boa ajuda, sem dúvida.

Nós devemos a nossa sobrevivência enquanto jornal aos nossos anunciantes e aos assinantes. O aborrecido é que alguns assinantes esquecem-se de pagar a assinatura. Isso obriga a administradora a entrar no seu mealheiro particular, o que não deveria acontecer.

Senhor assinante: pague a assinatura.

EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

(Ofir, Pinhal Careca, Pinhal de Cepães), cresceram os montes de lixo. Estas acções marcaram tragicamente o destino do litoral de Esposende.

A partir destes erros abomináveis, todo o processo destruidor nunca mais parou. A busca de espaços que permitissem especular sem escrúpulos foi um exercício comportamental daqueles que postulavam um carácter medíocre, vazio de princípios, de respeito pelas outras pessoas, pelo meio-ambiente.

A APPLE E O SEU PODER ESTÉRIL!

Para conter tais actos destruidores, foi criada através de um Decreto-Lei, em Novembro de 1987, a **Área de Paisagem Protegida do Litoral de Esposende**. Este Dec.-Lei permitiu acalentar esperanças para que nunca mais a vil facanha destruísse o nosso litoral!

Mas o desencanto surgiu quando presenti que nada se alterava.

No aspecto funcional, o Gabinete da APPLE era inactivo. Passavam os tempos e nem um Director existia para operacionalizar as acções que se requeriam com urgência. O processo era sinuoso, tudo apresentava descoordenação e passividade.

As dunas continuaram entregues à sua triste sorte, dizimadas em cada dia que passava!

As biocenoses e os biótopos eram destruídos, a descaracterização deste pa-

trimónio natural e paisagístico era um facto perante a «miopia» das entidades responsáveis e indigitadas para promover tempestivamente a protecção desta zona litoral!

As construções continuaram, a poluição aumentou. Eram estes os «cenários tristes para chocar os nossos sentidos!

Hoje, passados quatro anos após a criação da APPLE, verifico que apesar da nomeação do director, tudo continua inalterável!

A debilidade operacional é um facto patente a caracterizar o poder estéril de um órgão que apenas gere parques meios, ficando impossibilitado de definir políticas e linhas centrais de actuação.

AS MEDIDAS NECESSÁRIAS PARA SALVAR A APPLE:

O gabinete da APPLE sem meios não funciona. Assim, é urgência:

— O reforço da capacidade funcional no que concerne aos meios humanos e materiais.

— A funcionalidade deste organismo depende da capacidade de efectuar funções de administração e gestão, medidas que traduzem a possibilidade de definir políticas de protecção, solicitar e gerir os meios necessários para concretizar tais políticas. esta deverá ser a finalidade fulcral do Gabinete da APPLE.

— É necessário implementar uma vigilância assídua evitando mutações graves do equilíbrio paisagístico e ambiental.

— A relação dialógica entre o Gabinete e os intervenientes sociais (escolas, associações, autarquias) é uma acção premente, para motivar toda a comunidade, no sentido da participação e defesa deste património que é de todos.

— A criação de zonas de reserva inte-

gral e parcial é uma medida urgente para evitar a total destruição de espécies que estão no limiar da extinção.

— O estudo e a investigação feita por especialistas são condições para que exista uma verdadeira área de paisagem protegida.

As cogitações explicitadas são, na minha perspectiva, importantes para que a faixa litoral do concelho de Esposende não fique completamente descaracterizada.

Este é o meu grito, um grito de alar-me, para que amanhã possa viver olhando uma paisagem bonita, parecida com aquela que guardo em mim dos tempos de menino!

FRANCISCO PIRES CASANOVA

(Continuado da pág. 1)

da Bouça do Couto e, a Bouça (Pequena) da Bachadinha, ambas em Fonteboa; a Bouça Redonda (com suas casas), palheiro, quinteiro, eira e uma vinha em Paredes; a leira do Mendo em Apúlia, duas leiras na Bouça de Paredes; uma leira na «Lagoa» e outra pegada ao campo da Rebouça, ambas em Fonteboa e mais uma leira na Bouça da Maia em Fão.

Em nosso entender era um dos chamados homens-bons daquele tempo, um homem de respeito que merece a gratidão de todos os fangueiros. Merecia ser um dos epónimos da terra de Fão. UM assunto a ver pela Junta da Freguesia.

INATEL (Delegação de Braga)

Realizou-se o Campeonato Distrital Individual de Xadrez que obteve a seguinte classificação: 1.º Álvaro Guimarães; 2.º Phillipe Roy; 3.º José Costa; 4.º Lourenço Ferreira; 5.º Paulo Cunha; 6.º Rui Garcia; 7.º Carlos Nunes; 8.º João Pinheiro.



HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053 - 96 14 73/4
TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m², frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m², a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suites e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chaine des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; boite com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Ótimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

DE APÚLIA

FESTAS — A Firma Mariz & Figueiredo, e as suas subsidiárias, levaram a efeito, mais uma vez, a festa dos seus trabalhadores, em 14 de Dezembro, no Hotel Ofir, em Fão, e em 22 a Festa dos Filhos dos mesmos Trabalhadores, no Salão Paroquial de Apúlia.

No primeiro caso, depois da Missa rezada em acção de Graças e em sufrágio pelos trabalhadores já falecidos, foi servido um almoço volante a todos os trabalhadores daquelas Empresas, num total de algumas centenas, abrilhantado por conjuntos musicais e por variedades, a cargo de «artistas» da Empresa. No segundo caso, também houve música por um conjunto musical de crianças, com flautas e cavaquinhos, Palhaços, e as prendas, para todos, dadas pelo habitual Pai Natal, de barba branca vergado ao peso dos sacos com tantas prendas, que fizeram a felicidade das crianças.

ÓBITOS — O primeiro falecimento verificado em Apúlia neste ano de 1992, foi o da senhora Emília dos Santos Hipólito, viúva de Manuel Luis Dias, nascida em Apúlia a 26 de Fevereiro de 1910.

Residia no Lugar de Paredes, e era filha de Cândido de Sá Hipólito e de Juliã Martins dos Santos.

No mês anterior, Dezembro de 1991, faleceram, no lugar da Igreja, no dia 3, José Gomes Tomé, nascido em 27 de Dezembro de 1909. Era filho de José Gomes Tomé e de Maria Fernandes Faria. Deixa viúva a senhora Olívia Fernandes Faria.

Ainda no mesmo mês de Dezembro, no dia 30, faleceu no lugar da Arca, o senhor Manuel Eusébio da Silva, nascido em 28 de Fevereiro de 1912, filho de José António da Silva Júnior e de Maria Eusébio.

Deixa viúva a senhora Arminda Marques de Almeida.

Às família enlutadas, apresenta este jornal sentidos pêsames.

BOLETIM PAROQUIAL — Com o sugestivo título de Sargaceiro, está a editar a Paróquia um Boletim Paroquial, que dizem, está a ter grande aceitação e audiência junto dos apulienses. Já vai no n.º 3, e dele, com a devida vénia, vamos transcrever para aqui alguns dados interessantes.

FAMÍLIA AZIAGA

O fim do mês de Dezembro constituiu uma época bastante nociva para a família de Elvira Cubelo Moraes. Com efeito, esta benquista fangueira foi vítima de um enfarte o que a obrigou a internamento numa casa de saúde de Braga. Felizmente já atravessou o período crítico pelo que pensamos e desejamos ver a Birinha de novo na sua tenda da praia.

Uma sua nora, Maria Inês Faria Carvalho Vale Miranda Moraes foi operada no Instituto de Oncologia do Porto. Felizmente que a intervenção cirúrgica, melindrosa, diga-se, correu bem sem motivo para quaisquer receios futuros.

Uma sua (da Birinha) neta, Margarida Costa da Silva Cubelo Moraes foi de urgência submetida a uma intervenção cirúrgica no Hospital de Barcelos e também correu com êxito.

Finalmente outro neto, Celestino Manuel Costa da Silva Cubelo Moraes foi gravemente atacado por um cão no momento em que tentava abraçá-lo. Teve que ser submetido a uma operação plástica.

Bem, de qualquer modo não morreu ninguém, o que ao fim e ao cabo é motivo para regozijo.

Desejamos a todos um rápido restabelecimento.

Assim, o movimento demográfico religioso no ano de 1991, foi de 55 baptismos, 44 casamentos e 35 óbitos.

Foram distribuídas pela Paróquia 33 «Consoadas» a outras tantas famílias carenciadas.

Já foram gastos, no Centro Paroquial, em obras de restauro e conservação, e na compra de mobiliário, na aquisição de um video, de máquina de café, câmara de frio, e aparelhagem de som, aproximadamente seis mil contos.

PARA O BRASIL — Acompanhado pela esposa, senhora D. Maria Emília Miranda Mariz Figueiredo, e filhos, partiu para o Brasil, em viagem de recreio e descanso, o senhor Alberto Queiroga Figueiredo, nosso ilustre conterrâneo e Presidente da Câmara Municipal de Esposende.

FUTEBOL — O futebol em Apúlia, vai indo assim, assim. Se não vai muito bem, também não vai muito mal. Na classificação, está um pouco acima do meio da tabela. E nas exhibições, tirando um ou outro jogo, tem agrado à maior parte dos seus apaniguados. Isto em seniores. Porque em iniciados, a música já é outra. Bons jogos, algumas surpreendentes vitórias, como foi o caso do Guimarães, com 4x0 lá e cá, a nosso favor.

Parece que há por ali muito jeito e muita raça.

CASAMENTO

Em Dezembro passado realizou-se o enlace matrimonial de Anabela de Sá Pereira Correia, filha dos nossos amigos Maria Amélia Sá Pereira Correia e de José Martins Correia, com José Luís Ferreira Teixeira, natural de Espinho.

A cerimónia religiosa realizou-se em Fão como compete a uma família de raiz fangueira.



O casal Anabela e José Luis

À noiva que é de facto uma Ana (bela) e a seu noivo desejamos sobretudo uma união perpétua, com o mesmo estado de graça que revelam na fotografia.

PAGARAM A ASSINATURA

1991 — Dr. Américo Henrique Seixas, Porto, 1000\$00; José António Matos Monteiro, Porto, 1250\$00. 1987/88/89/90 — José Manuel Gomes Brás (Casa Laila), Fão, 2500\$00. 1991 — Manuel Faria Solinbo, Braga, 1000\$00. 1990/91 — Belmiro Cândido Gomes Viana. 1991 — Paulo Germano do Vale Sobral, 750\$00; João Reis Graça, Póvoa de Varzim, 750\$00; Paulino Pinto de Campos, Porto, 750\$00; Prof. D. Berta Pinto de Campos, Fão, 750\$00; Manuel Martins, Fão, 750\$00. 1990/91 — Álvaro Nogueira Valentim, Esposende, 1750\$00. 1991 — Reinor Sá Pereira, França, 1000\$00; Armando Reis, Fão, 750\$00; Manuel Joaquim Branco da Costa, Fão, 750\$00; Amadeu Vassalo da Costa, Fão, 750\$00; Eng.º Manuel Malafala Baptista, Porto, 750\$00. 1991/92 — Eng.º Lauro Adalberto Vinha Novais, Porto, 1500\$00. 1991 — Fernando Pedras, Fão, 750\$00. 1988/89/90 — António Boaventura Silva, Porto, 1750\$00. 1988/89 — Abílio Martins Sobral, França, 2000\$00. 1990/91 — Eng.º Octávio Reis, Valadares, 2000\$00. 1991 — Dolor Gonçalves Gouveia, Barreiro, 800\$00; Jaime M. Vinha dos Santos, Porto, 1000\$00; Dr.ª M. Judite Serra F. Fidalgo, Linda a Velha, 750\$00; Raúl Calafate, Fão, 800\$00; D. Ismênia Sá Pereira, Fão, 750\$00; Dr. Joaquim Alberto & Peixoto, Esposende, 2000\$00. 1990/91 — Dr. António Ferreira Brito, Porto, 1500\$00. 1991/92 — António Barros Peixoto, Fão, 1500\$00. 1991 — Valdemar Faria, Fão, 750\$00; Amândio da Fonte Galfém, 1000\$00; D. Catarina Assunção Costa Gonçalves, Póvoa de Varzim, 750\$00; Domingos Assunção, Fão, 750\$00. 1989/90/91 — Feliz Manuel Galfém Soares, Guimarães, 2000\$00. 1990 — António Gomes do Vale, Fão, 1000\$00. 1991 — Adelino Saraiva, Fão, 1000\$00; D. Maria Helena Alva Rosa, Lisboa, 750\$00. 1988/89/90/91 — Dr. Francisco Brás Marques, Esposende, 1800\$00. 1990 — António Soutelo, Fão, 750\$00. 1991 — Amândio Ferreira, França, 1000\$00; Dr. Mário Basto, Porto, 1000\$00; Manuel de Sousa, França, 1000\$00; Manuel Gomes de Sá, Braga, 2000\$00. 1989/90 — D. M.ª Georgina Lacerda Viana, Fão, 1500\$00; Inácio Palmeira, Fão, 1500\$00. 1992 — Crispiano Morgado Caseiro, Fão, 750\$00; D. M.ª da Conceição de Faria Gomes Lopes, França, 1000\$00; António Morais Gomes, Fão, 1500\$00.

CARTAS AO DIRECTOR

Em nome da Comissão das Festas da Sr.ª da Bonança recebemos de Armando Solinho e de Armando Barbosa a seguinte carta:

Ex.mo Sr. Director do Jornal
«O Novo Fangueiro» — FÃO

Sr. Director

A Comissão de Festas, vem por este meio pedir a V. Ex.ª que se digne publicar no vosso Jornal o assunto abaixo mencionado.

A Comissão de Festas de N.ª Sr.ª da BONANÇA agradece a todos os FANGUEIROS a colaboração prestada para a organização das ditas.

Como infelizmente a Comissão tem um processo em tribunal, por dois pinheiros queimados (130.000\$00) que já se encontram verdes, somos forçados a não publicar o relatório de contas pois não sabemos as despesas que iremos ter.

É pena que gente que tem terrenos em Fão, exija e procure explorar as pessoas que fazem alguma coisas para que FÃO não morra.

Esperando que todo o povo FANGUEIRO compreenda, apresentaremos, o mais rápido possível, o relatório de contas para que o povo de Fão analise e julgue o comportamento, de certos «FANGUEIROS».

Pela Comissão de Festas
Armando Solinho e Armando Barbosa

ERA UMA VEZ...

Assim começa um conto da autoria de Margarida do 4.º ano no jornalzinho Rouxinol que recentemente nos chegou às mãos e foi editado pela Escola Primária de Fão.

Um jornal desde sempre bem elaborado, com colaboração diversificada, com as suas anedotas, os desabaços, com expressões do desejo de *ser ou não* o Menino Jesus (boa imaginação), cartas de desabaço saudoso, tudo já com um *cheirinho a Natal*. E já que falamos de Natal, vimos as aspirações, o que as crianças gostariam de ter neste Natal. Diga-se que não sou demasiado ambiciosas. Agora não costumam trazer secção de palavras cruzadas, de que somos fã dedicado.

Publicamos a seguir a página de abertura com o tal conto da Margarida.

Uma observação: entendemos que as crianças que subscrevem os seus textos deviam apôr o seu nome completo, o suficiente para a sua identificação sobretudo através destes pedaços de alma que são lançados no papel.

«CONTOS DE NATAL

Era uma vez um orfanato onde vivia uma menina que se chamava Joana, mas chamavam-lhe Joanhinha. Ela desejava ter uma mãe que tratasse dela e todas as noites rezava para que o seu desejo se concretizasse.



O Natal estava à porta e chegara ao orfanato. A árvore estava pronta e as professoras perguntaram o que eles queriam que o Pai Natal pusesse nas meias. Quando chegou a vez da Joanhinha ela disse que queria uma mãe. As professoras sentiram-se baralhadas.

Passado uma semana apareceu uma senhora que não podia ter filhos e quis adoptar uma criança e a boa sorte caiu sobre a Joanhinha.

Na altura de receberem os presentes, as crianças dirigiram-se às meias. A Joanhinha ficou desiludida, pois estava vazia. Mas depois apareceu a sua mãe adotiva e Joanhinha ficou muito feliz. Foi o melhor Natal da sua vida!

Margarida — 4.º ano».

DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

FUTEBOL

Campeonato Regional da 1.ª Divisão da Associação de Braga

ÚLTIMOS RESULTADOS: Antas 3 - Fão 2; Fão 0 - Vilaverde 2 (jogo em Adaúfe, Braga); Dumense 1 - Fão 1.

Nem com chicotada psicológica. Os últimos jogos que a equipa disputou, foi sob orientação do novo treinador, que por sinal, esteve ao serviço do clube nas épocas anteriores. Por ter sido feliz no trabalho que realizou, a Direcção resolveu convidá-lo novamente. Mas dizíamos que nem com a mudança técnica as coisas melhoraram. Em quatro jogos amealhou apenas um ponto no último jogo realizado em Dume, mas que poderia ter sido a primeira vitória da época, tal foi a supremacia da equipa Fangueira. O ataque continua a falhar em ocasiões de golo tão aparente, e a defesa sofre-os de maneiras tão incríveis, que só mesmo quem assiste aos jogos, é que pode acreditar que tudo isto está a acontecer ao Clube de Futebol de Fão.

Para esta crise que se está a passar seja ainda mais grave, a Direcção desmembrou-se e, neste momento, a mesma é composta apenas por quatro elementos que terão de trabalhar com muito sacrifício para governarem o barco nestas condições. Claro que isto só acontece em situações adversas, e poderá afectar ainda mais o estado de espírito dos jogadores, e neste caso, a recuperação será ainda mais difícil.

Vamos acreditar, que apesar da situação crítica, em que o clube se encontra, o futuro será melhor e para isso acontecer, todos teremos que ajudar muito. Como um mal nunca vem só, o conselho de disciplina da Associação de Futebol de Braga, resolveu punir o Clube de Futebol de Fão com uma multa e dois jogos de interdição, tendo já efectuado um num campo relativamente próximo do aversário, Adaúfe-Braga, e que perdemos por 2x0 com o Vilaverde.

FALECIMENTO

Faleceu em Fão recentemente Zaida Lopes cardoso.

À família enlutada e de um modo especial ao nosso assinante e amigo Prof. Elias Cardoso, os nossos pêsames.

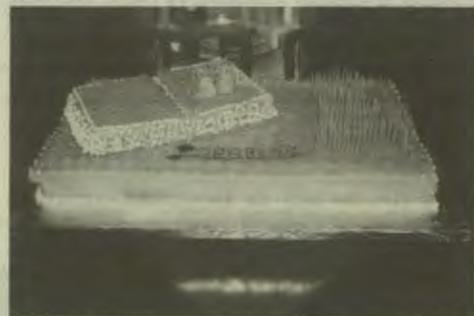
100 VELAS

Isto de fazer 100 anos ainda é caso raro e por isso, tal efeméride costuma ser assinalada com festejos especiais. O Lar da Terceira Idade comemorou há dias, mais precisamente no dia 28 de Dezembro, o centenário de Genoveva Rosa Baptista, a Rosinha do Maciel, que ali se encontra internada desde a fundação daquela casa de assistência. Há 22 anos ficou alojada no Hospital-Azilo de S. João de Deus e, logo que o Lar foi inaugurado, passou para lá.



A longeva Rosinha do Maciel

A Rosinha nasceu em Vila Cova, Barcelos, veio com 14 anos servir para Fão e aqui ficou. Casou primeiro com o guarda Maciel e, após a morte deste, com o Alberto Puches. Ainda anda, veste-se por si só e «arranja-se». O raciocínio é que apresenta já falhas assinaláveis mas ainda está mulher por mais uns anos.



O monumental bolo oferecido pelo proprietário da Pápá

O Padre Manuel Borda, o único sacerdote de Fão ainda vivo, celebrou missa por sua intenção. No restaurante do Lar houve lanche melhorado. Cantaram-se os «parabéns a você» e, no final, foi distribuído o monumental bolo, oferta de João da Pápá que contém 100 velinhas. Imponente, sim senhor.

O pessoal do Lar cotizou-se para a compra de uma taça de prata que foi entregue à simpática centenária. Também a Cooperativa Cultural de Fão se associou à festinha oferecendo um lindo ramo com botões de rosa.

A próxima centenária será a Miquinhas Turra, fangueira nata, que no dia 8 de Dezembro comemorou os 99 anos. Bem bonito rol. Também está rija, move-se, limpa e cozinha, cose roupa e está totalmente lúcida. Um abraço.



HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO
TEL. 053 - 98 14 73/4

Com prática administrativa e de idiomas Francês e Inglês. Preferência aos formados pelo F.S.E. Idade máxima 40 anos.

Contactar directamente o Hotel ou através do telefone, entre as 18 e as 20 h.

RECEPÇÃO PORTARIA

PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Cá estamos a comunicar convosco, pela primeira vez neste ano de 1992. Oxalá que ele seja para todos um ano de paz, alegria, aspirações realizadas, saúde e êxitos escolares.

JANELAS... JANELAS... JANELAS...

Por TERESA

(Continuado do número anterior)

Imaginei-me uma delas e vi quanto frio, quanta chuva, quanto vento não teria de deixar entrar naquelas casas, naquelas barracas! Como abanaria com o vento frio de Inverno, como ficaria molhada quando o papelão estivesse encharcado de tanta chuva, quando o plástico se furasse... mas seria que mesmo assim eu me ia sentir sozinha?

Não. Não faltaria quem se preocupasse comigo, quem me desse mais atenção, quem corresse a me renovar, a me arranjar constantemente com o maior carinho, fazendo-me sentir muito importante.

Foi então que caí em mim, olhei à minha volta e dei realmente valor à minha janela, ao que ela sabe, ao que ela vê, ao que ela oculta e não revela. Pensei em todas as janelas espalhadas por esse mundo fora, espectadoras silenciosas como a minha e decidi que a partir daí, mesmo que estivesse muito ocupada, mesmo que a vida me deixasse pouco tempo para repousar, iria sempre dedicar mais tempo à minha janela e através dela olhar o mundo com mais calma, mais benevolência, mais fraternidade e amor, pensando poder torná-lo mais belo e concluindo que na minha janela não sou ninguém, mas todos nas suas janelas com os seus sonhos, conseguiremos fazer algo de positivo e belo, ainda que muitas perguntas fiquem sem resposta e muitos mistérios fiquem por desvendar.

FIM

ESTA FOLHA TEM O
PATROCÍNIO DE:

Impetus 

INFÂNCIA EFÊMERA

Para quê educar as crianças?

Deixem-nas ser livres,

Conhecer e entender o Mundo à sua maneira.

Deixem-nas ser crianças toda a vida!

São tão belas a ignorância e a ingenuidade!

É tão bela a despreocupação

E tão doces as gargalhadas alegres

Desses seres felizes!

Deixem-nas acreditar que tudo no Mundo

é maravilhoso,

E nunca lbes inflijam a ferida da desilusão

Que conduzirá à morte da sua infância

E ao acordar da sua consciência.

Porque este é o fim do sonho,

E o princípio do eterno desejo de voltar

a ser criança.

Viver é dançar sobre um monte de cacos de vidro.

MARTA (15 anos)



Desenho de CARLA JULIETA (13 anos)

PAUSA PARA SORRIR

Dois rapazes entram num oculista, dispostos a «gozarem-no», e pedem para ver óculos de sol.

Solícito, o oculista põe perante eles vários modelos.

Os jovens experimentam uns e outros, e por fim um deles põe um par de óculos dos mais caros e virando-se para o dono da loja olha-o fixamente, através deles e diz depois ao amigo:

— Os óculos não são maus. O que é pena é que com eles só se vê burros...

Sem perder a compostura, o oculista tira-lhe os óculos delicadamente e, colocando-os em si próprio, olha através deles para os rapazes e comenta, calmamente:

— Têm razão, sim senhor! Realmente só se vêem burros...

★

Num restaurante, numa hora de movimento, hora de almoço, o empregado afadiga-se para atender a todos rapidamente. Então, uma senhora chama-o:

— Ó senhor, faz favor fecha-me essa janela, senão ainda morro com uma pneumonia!

O criado preparava-se para cumprir a ordem, quando outra senhora grita, do outro lado da sala:

— Não feche, por favor, senão morro abafada!

A discussão prolonga-se entre as duas clientes, perante a perplexidade do criado, até que um outro cliente, impaciente com tanta demora, grita lá do seu lugar:

— Que diabo! Feche a janela até que morra uma, e depois abra-a até morrer a outra, a ver se a gente pode almoçar em paz!...

PELA TARDE

A Saudade é dor imensa
Que se abriga no peito
De quem parte
E deixa ao longe um rosto,
Uma carícia
Que no ar se perde,
Pela tarde.

Os dias passam
Em correria louca.
As noites são tormentos
De ansiedade.
Perdem-se no ar
Um rosto,
Uma carícia,
E no peito aumenta
A saudade.

(ANÓNIMO)

NOVO CARDIOLOGISTA

Passou a exercer as funções de cardiologista no nosso Hospital o jovem clínico dr. João Carlos Enes Baptista da Silva. Trata-se de um promissor clínico que tem obtido as melhores classificações como aconteceu ainda recentemente no estágio em doenças de foro cardiológico. Passa a substituir o dr. Amorim, de Braga, que deixou de exercer funções no Hospital de Fão por motivos de saúde.

Ainda bem que este jovem esposendense (da Escola do Hospital de S. João) foi de imediato contratado para exercer as suas funções.

A um bom clínico sucede outros com provas já dadas.

DR. AMÉRICO SEIXAS

Após um período de doença que alarmou o seu círculo de conhecidos, já se encontra restabelecido e operacional o nosso prezado assinante e bom amigo dr. Américo Seixas, do Porto.

Folgamos com tal facto e desejamos a continuação de boa saúde. Caro companheiro rotário, a vida é assim: depois de entrarmos bem nos «entas», nós metemos a mão ao bolso para tirarmos pastilhas, deixando para segundas núpcias as moedas.

VEJA A SUA ÁRVORE GENEALÓGICA

Nesta secção vamos tentar explicar ou dizer quem foram os antepassados de algumas famílias ou tentar resumir a origem de certos apelidos. Servimo-nos, para isso de um livrinho precioso e credível, compilado por Luís de Lencastre e Távora que tem por nome «*Dicionário das Famílias Portuguesas*».

Era necessário começar por alguém e, como nós estamos em pulgas para sabermos ou conhecermos os nossos antepassados, vamos iniciar esta secção com o apelido:

SARAIVA — Trata-se de uma corrupeleta, isto é, de uma derivação «forçada» de uma terra perto de Biscaia que tem por nome Serávia. Foi adoptado por uma família nobre daquela região espanhola e assim apareceu no nosso país na primeira metade do séc. XV, através de Vicente Aragão Serávia, um nobre que acompanhou a princesa Leonor de Aragão quando esta veio casar-se com o infante D. Duarte que a história cognominou de Eloquentes e era filho, como nos ensinaram na *escolinha*, de D.

João I e D. Filipa de Lencastre. Por aqui ficou e cumpriu o mandato divino: *Crescei e multiplicai-vos*.

Armas desta família: de vermelho, uma cruz florenciada de ouro, carregada com um escudo cortado de veiros e de aguado de sua cor. Timbre: um espadarte sainte de sua cor, com a serra de prata.

PS — Diz-nos o Dicionário da Porto Editora que:

Veiros — significa guarnição metálica dos braços formada de pequenas peças azuis e prateadas.

Florenciado — diz-se da cruz de brasão cujos braços rematam em flor de lis.

Sainte — que sai.

Não está nada mau!...

FALECIMENTO

Morreu António Paulo de Sousa mais conhecido pelo Tone Celeste.

Depois de ter trabalhado em França durante alguns anos voltou para Esposende, terra de sua esposa, para gozar a sua reforma.

Várias vezes na semana o António Celeste pegava na sua bicicleta e vinha a Fão, sua terra natal a fim de visitar os seus amigos.

Lembramo-nos dele quando jogava futebol. Desempenhava as funções de halfe e desarmava os adversários com muita subtilidade e lealdade.

Era um assinante e bom amigo do nosso jornal e estava sempre a «incomodar» o seu barbeiro por causa da assinatura dele e do seu primo Alberto.

No seu enterro integraram-se muitos socialistas, bastantes fangueiros e gente de Esposende.

Aos seus familiares apresentamos sentidos pêsames.



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições

REIMELI

PORTO — RUA 5 DE OUTUBRO, 212 — TEL. 89 61 05-89 10 18-8 37 48 — FAX 667385
LISBOA — RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 — TEL. 759 72 04 — FAX 7597206

FÃO DE ANTIGAMENTE



Com outros anos, com outra pose, aqui reproduzimos uma fotografia que tem bastantes anos: Leda, Rui Agonia, Edir, Zita Agonia, Alice Pinta e a Gilda que ainda há bem pouco nos visitou.

ÁFRICA, ADEUS (23)

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

(Continuado do número anterior)

Minha esposa e filhos dormiam. Eu, apesar de cansado, não conseguia dormir. Com os olhos fixos no tecto, interrogava-me: se na verdade o Mukixe exerceria essa influência naqueles que o contemplassem.

Eu, que sempre contestei essa força que se dizia existir, agora já não estava tão certo.

Todos os europeus que residiam na região administrativa de Kambamba sabiam da lenda do Mukixe: só nessa região foram assassinadas setenta e duas pessoas europeias. Estes, sim, o Mukixe não as deixou partir, mas aqueles que estavam vivos, poderiam partir se o desejassem.

Mas então como justificar que sendo eu tão dedicado à família, não partia com ela para Portugal? Nisso eu não encontrava justificação. Cerrei os olhos e tentei adormecer.

No dia seguinte, já o sol inundava o meu quarto, acordei. Estava só. Minha esposa e filhos tinham acordado muito antes, mas muito silenciosamente se levantaram para não me acordar, deixando-me isolado para que pudesse descansar.

Pouco depois, a porta do quarto abriu-se ligeiramente e uma pequenina cabeça surgiu. Era a minha filha mais nova, que ao ver que eu já estava acordado, correu para mim para me dar um beijo ao mesmo tempo que dizia:

— Paizinho, acordei-te?

— Não, minha filha, eu já estava acordado.

— Olha, paizinho, o senhor Fausto vai à praia com os filhos. Deixas-me ir com eles?

— Não, Candidinha, eu preciso de ti aqui à minha beira.

— Mas eu quero ir à praia. — Contestou a criança a chorar.

— Anda cá, Candidinha, olha o paizinho que chegou de fora e tinha muitas saudades tuas. Não é justo que tu agora me deixes para ir à praia.

A criança não se conformou e saiu a chorar. Momentos depois entrou minha mulher que me perguntou:

— Porque não deixas ir a menina à praia?

— Olha, respondi, porque tenho medo que lhe aconteça alguma coisa de mal. Podem estar na água, despreocupadas e aparecerem-lhes esses assassinos. Eu já não confio em ninguém. Bem sabes que tenho motivos para isso; tenta compreender-me.

Minha esposa, pouco convencida, saiu do quarto.

Levantei-me, fui à casa de banho, em seguida, tomei o pequeno almoço e saí para o varanda onde me sentei. Minhas filhas vieram sentar-se junto de mim.

— Candidinha, não fiques triste por não teres ido à praia. Amanhã eu vou com vocês, está bem? Vês, se tens ido hoje à praia eu estaria agora aqui sozinho.

— Está bem, papá. — Chegando a cara a mim deu-me um beijo.

Depois as duas irmãs desceram para o jardim para brincarem e eu fiquei a contemplar as duas crianças que brincavam e a interrogar-me qual seria o futuro delas numa terra que de repente se tornara tão hostil. Não havia dúvida que quanto mais pensava mais convencido estava de que a melhor solução era mandar a família para Portugal, por muito que esta decisão me custasse. Sem dúvida era a mais acertada.

Pouco depois, o Machado e o Orlando vieram sentar-se a meu lado e a conversa era

a situação presente. Decorrido algum tempo, chegou o Fausto com as filhas que vinham da praia. Depois de ter arrumado o carro, o Fausto dirigiu-se para mim;

— Sabe, sr. Ramos, dizem para aí que vem dos lados de Catete uma grande massa de negros calculada em muitos milhares e que vem em direcção a Luanda com a intenção de a atacar. Achas que será verdade?

— Não sei, respondi. — O que não há dúvida é que temos que contar sempre com o pior e devemos estar prevenidos para isso. Também, em minha opinião, é que a ser isso verdade, não me parece que existam em Luanda meios para os deter. Não me esqueço de que levei uma requisição do Quartel General para levantar 150 balas no Depósito de Armamento e só me entregaram 50. O mesmo acontecera aos outros, alegando não haver munições que chegassem. Portan-

to, se formos atacados, por alguns milhares, talvez cá não existam munições que cheguem, e ainda com a agravante de que o Governo de Lisboa não parece muito interessado na nossa defesa. Eu, sinceramente, o que queria era pôr a minha família a salvo na Metrópole. Depois... aconteça o que acontecer, não importa muito.

Ao almoço, a rádio noticiava chacinas em todo o norte de Angola e anunciava a ida a Angola do Ministro do Ultramar, para se informar da situação.

Naquela tarde, uma comissão de agricultores mais uma vez se dirigiu ao Quartel General para pedir uma escolta militar para irem novamente às suas propriedades tentar salvar alguma coisa.

Foi-lhes dito que não havia efectivos para isso. Os militares que se encontravam em Luanda não podiam sair dali sem o risco de deixar em perigo a Capital.

Estavam a chegar de avião alguns militares vindos da Metrópole e quando fosse possível os informariam.

CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR
A3 / AM



PORMENOR DE QUEDA
DE CALIBRADOR
POR PÊSO



DESCARREGADOR
E ELEVADOR



CALIBRADOR
POR PÊSO
4 LINHAS



TAÇAS DE CALIBRE
POR PÊSO



PRÉ-CALIBRADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"

TELEF. 044/81 23 22
FAX 044/81 23 02
TELEX 43811

SONDECA

APARTADO 12
PARCEIROS
2401 LEIRIA CODEX

O VENTO

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

Quem passeia pelo litoral de Esposende, não pode deixar de reparar na quantidade de velhos moinhos de vento, recordação de um passado recente.

Alguns estão transformados em residências de Verão; outros, apenas com as suas paredes musgosas, tentando resistir ao tempo.

Muitos outros desapareceram simplesmente, demolidos como coisa inútil.

Fão é conhecido como uma terra ventosa, mas as suas nortadas que nos incomodam em determinados períodos do ano, também nos traziam benefícios. Chegaram até nossos dias dois importantes moinhos de vento instalados aqui em Fão, mais precisamente no Caldeirão, ao lado do forno da cal.

Ali se moía o cereal que mais tarde se transformava no pão que comíamos.

Um era o moinho do Eduardo, pessoa simpática que nos permitia visitar o seu interior e nos explicava o seu funcionamento.

Nós, como crianças que éramos, ficávamos maravilhadas. O outro moinho pertencia a um senhor de aspecto sisudo que não nos permitia a entrada no seu. Era conhecido pe-

lo Má-Cabêlo. Não me recorda de alguém o ter referenciado sem ser por esse nome.

Um dia de bastante vento, os nossos amigos moleiros, receando que o vento despedaçasse os seus moinhos, tentaram pará-los de qualquer maneira.

Recordo-me perfeitamente: o Eduardo munido de uma faca ia cortando as cordas que prendiam as velas, à medida que elas passavam em baixo, até que as quatro velas ficavam soltas a bater sacudidas pelo vento, mas o seu moinho parou.

O Má-Cabêlo, por sua vez, agarrou-se a uma das velas na tentativa de deter o seu moinho. Só que o seu peso não foi suficiente para deter o movimento e, assim, ele foi levado para as alturas. Uma vez lá em cima, largou-se e estatelou-se no solo fracturando uma perna e contraindo escoriações.

Hoje, dos dois velhos moinhos do Caldeirão, resta-nos as paredes enegrecidas pelo tempo do velho moinho do Eduardo.

Ele é, sem dúvida, um marco do passado que urge defender. Nessa época todos os povos tentavam tirar o máximo proveito dessa

força tão poderosa e barata que é o vento.

A Holanda em que a parte do seu território se situa abaixo do nível do mar, possui terras conquistadas ao mar, através da construção de diques. Existia o problema dessas mesmas terras se irem inundando devido à acumulação de água.

Assim, os holandeses construíram uma bem planeada rede de canais através dessas terras, que não só serviram para o transporte de mercadorias por barco, como também para a condução da água, para as proximidades dos moinhos de vento tão nossos conhecidos. Mas na realidade, não eram moinhos mas sim bombas accionadas pelo vento que constantemente sugavam a água das terras baixas despejando-a depois no mar, conservando dessa forma as terras enxutas para as culturas.

Com o advento dos combustíveis fósseis e a aparição do motor de explosão, tudo mudou. Os velhos métodos onde o vento era a força motora, foram postos de parte, e as gerações novas não estão motivadas para o aproveitamento desse potencial.

Assim, importam-se milhões de toneladas de petróleo por ano que nos envenena o ar que respiramos e a água que bebemos, e ainda nos absorve grande parte das divisas de que Portugal necessita para outros fins.

É certo que o vento nunca poderá substituir o petróleo, mas pode perfeitamente diminuir a sua dependência.

Essa força tão poderosa que em tempos levou os navegadores portugueses até aos confins do mundo, ainda hoje continua imutável; por vezes, zanga-se e destrói tudo à sua passagem e fustiga-nos o rosto, como que a chamar a atenção pelo abandono e esquecimento a que foi votado.

Quem é tu vento que corres levando contigo a destruição? No fim, vives e não morres. Não és nada: apenas ilusão.

Tens força e não és ninguém. Podes mostrar tua fúria à vontade, Apenas nos assustas, mas também, Te perdem o respeito após a tempestade.

Ó vento forte e solitário, Quem medera ser assim: Voar ser meu fadário.

Eu procuro, no Calvário Que é a vida, subir tento Ser como tu: livre ó vento!

OBRAS NO PRIORADO: A NOSSA VERGONHA?

Para angariar fundos e assim dar continuidade às obras do Salão Paroquial, foi criado um bazar junto à Farmácia Higiénica e Diversas firmas fizeram as suas ofertas e muitas pessoas da nossa terra colaboraram também. Com os seus trabalhos de lã e malhas confeccionados por elas próprias. Segundo consta, foi um sucesso. Uns ofereciam e outros compravam. Este trabalho deve-se a meia dzia de senhoras que não olharam a sacrifícios. Cada uma dava o seu tempo diariamente para atenderem às pessoas que pretendiam oferecer ou comprar. Revezavam-se.

As mesmas senhoras resolveram efectuar um sorteio para o mesmo fim com quatro cabazes de Natal que também teve boa receptividade.

Parabéns a todos.

Optica
Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

BRAGA.

GABINETE DE CONTACTOLOGIA

SEDE: Rua da Misericórdia, 6 - 12 - Tel. 75777

FILIAL: C. C. Granjinhos, Loja 518 - Piso 2 - Tel. 612933

4700 BRAGA

TRIÂNGULO
JOTA

UMA COLECCÃO NOVA
PARA GENTE NOVA



EDIÇÕES ASA



FOLHA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



O MARACUJÁ

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA: ESPÉCIES DE MAIOR INTERESSE

O maracujazeiro pertence à família PASSIFLORACEAE e ao género PASSIFLORA.

A família Passifloraceae é muito falada na literatura mundial em virtude das suas estranhas flores terem inspirado poetas e prosadores por nelas verem simbolizada a paixão de Jesus Cristo; por isso mesmo há quem chame a estas flores, flores da paixão.

As espécies mais disseminadas pelo mundo, entre cerca de 530 que se conhecem são:

- Passiflora edulis Sims.*
- P. lingularis Juss.*
- P. mollissima Bailey.*
- P. quadrangularis L.*

Com a finalidade de dar a conhecer algumas das suas características mais salientes, faremos uma descrição sumária das espécies anteriormente citadas:

• *Passiflora edulis Sims.*

É actualmente a espécie mais cultivada pelos principais produtores de maracujá: Austrália, Nova Guiné e Hawai. A «*p. edulis*» produz um fruto cujo epicarpo é do tamanho de um ovo de galinha e de cor purpúrea ou castanha escura, sendo o endocarpo amarelo. a variedade «*flavicarpa*», já em grande difusão, produz frutos amarelos.

• *Passiflora lingularis Juss.*

O fruto tem cambiantes que vão da

cor vermelha à alaranjada, sendo maior do que o da «*P. edulis*» e com epicarpo um pouco mais espesso; se bem que os frutos sejam muito resistentes ao transporte, esta espécie está a ser substituída pela anterior, dado o seu menor interesse comercial e industrial.

• *Passiflora mollissima Bailey*

Os frutos são de forma alongada, pesando 50 a 150 g; a polpa é amarela, um pouco ácida, mas muito perfumada; sob o ponto de vista de palatabilidade considera-se esta espécie como uma das melhores, sendo a mais cultivada na Colômbia.

• *Passiflora quadrangularis L.*

Os frutos são, em geral, mais volumosos que os precedentes, chegando a pesar mais de 2 kgs. O epicarpo é verde-amarelo e muito delgado; a polpa é amarelo-esbranquiçada, acidulada e açucarada, mas menos perfumada que a das três anteriores espécies; é muitas vezes usada para fazer doce.

Sendo a «*Passiflora edulis*» e a sua variedade «*flavicarpa*» as de maior interesse comercial e industrial, a elas nos iremos referir em particular, designando-as pelos nomes porque vulgarmente são conhecidas:

Maracujá roxo (P. edulis Sims.)

Maracujá amarelo (P. edulis var. flavicarpa Deneger).

2 — A PLANTA, AS FLORES E OS FRUTOS

O maracujazeiro é uma planta pere-

ne, trepadeira. (gavinhas), lenhosa, com grande vigor e de crescimento rápido. As folhas são alternas, diversamente recortadas e de pecíolos, frequentemente, com nectários na base.

O sistema radicular é superficial e pouco ramificado, podendo observar-se que mais de metade das raízes se localizam nos primeiros 30 cm do solo, enquanto 60 a 80% se encontram a menos de 50 cm do tronco.

O *maracujá roxo*, planta totalmente glabra com excepção do ovário, possui os ramos, as folhas e as gavinhas de coloração verde clara. As flores que surgem na axila de cada folha, nos ramos novos, são solitárias ou estão em pequenas cimeiras e têm mais de 7 cm de largura. São compostas por: 5 sépalas oblongas de coloração exterior verde e branca internamente; 5 pétalas oblongas de cor branca; 5 estames com grandes anteras; 1 estigma tripartido e 1 coroa formada por 4 a 5 séries de filamentos brancos tingidos por uma coloração purpúrea na base. Nesta espécie, as flores abrem-se pela madrugada e fecham-se antes do meio-dia. O fruto ovóide ou globoso é uma baga com 4 a 5 cm de diâmetro, adquirindo uma coloração purpúrea intensa quando bem maduro, altura em que se desprende da planta. A casca, coriácea, quadrada, lisa e brilhante, é recoberta por uma camada de cera, protegendo um mesocarpo duro e escamoso, formado por 5 camadas de células. o endocarpo (polpa) é sumarento, marelo e de sabor ácido, mas muito agradável.

(Continua no próximo número)



Basta

a melhor alternativa

Herbicida total

Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o
Departamento de Agricultura da
Hoechst Portuguesa S.A.

	MEM MARTINS	PORTO
TELEFONE	921 21 80	66 70 51
TELEX	16 380	22 706
FAX	922 25 77	89 05 70
MORADA	APARTADO 6 2726 MEM MARTINS CODEX	APARTADO 1041 4101 PORTO CODEX

**Hoechst - um amigo
na agricultura**

Hoechst 

Cop. Soc. 5 090 000 000400mm Reg. Com. Sítio n.º 1438

FEIRA DE RETALHOS

Por QUIM DE FÃO

Acabaram as «Farpas». De boa e mã memória. Depende da «mira» do leitor. Havia os que se deliciavam com o paladar, com o «cheiro»; havia os que tremiam e se sentiam mal com a digestão das mesmas. Importunavam e mexiam com os intestinos de alguns menos aptos ou inaptos para encaixar as ditas farpas. Não pretendiam tirar nem ocupar o lugar da coisa pública. Era um espaço digno da terra que sempre gostou de «Farpas» no alheio «de todos», a tal «res publica» a que alguns «entendidos(?)» chamaram de anti-jornalismo por falta de outro epíteto; falta ou ignorância.

Como epitáfio das ditas cujas, o cinzel talhou a «Feira de Retalhos» que vai substituir em novo ano um ano novo de bocas doces e amargas, conforme o paladar dos palavrosos leitores e confrades mesmo que anónimos ou servindo-se das «Cartas ao Director». Afinal a veia «anti» não é patente minha. Já no tempo... se chamava ao «touro» pelo nome, mesmo sob a alçada de gorilas e camaleões. Nada de conjecturas ou pensamentos mesquinhos. Não atinjo homem que seja ou menino que sempre foi...

Cena trágico-cómica. Acto único. Personagens alegóricas. Espaço cénico terrestre. Algures em terra de «choraquelogobebes».

Personagem fangueira (escreva fangueira):

— Ó que carai! Oh...! Onde vais, mô? (1)

Nina fanzense (escreva-se fanzense):

— Vou ver se já deitaram abaixo a casa que possuía a janela mais antiga de Fão, renascentista e que o sr. dr. Neiva mostrou, filmou, escreveu e salientou como o ex-libris dos finais do século XVI, na sua «peregrinação» por Fão em Junho de 1989.

— Oh! já foi abaixo... já! Vai nascer uma vivenda... séc. XX.

— Então o sr. dr. Neiva não manda na Câmara...? Ó que carai... que «botei» nele... porque me «mintiu».

— Mô... para a próxima não acredito nele, nem que me diga que encontrou moedas na necrópole dos meus bisavós mouros.

— Mô, às tantas, vai deixar construir sobre os ossinhos dos nossos «santinhos» um marmaracho de cinco andares!

— Ó carai... Oh! Só se já não houver gente em Fão!

— Mô, tu sabes que com as telenovelas e o frio; a riqueza, os vídeos e o «motocross», a gente já não sai de casa! Imagina que até as «pedras do rio» estão mudas... (nem pio. Xiu... pum.) Está tudo rico, mô, já não há bairrismo. Cada um vê R.T.L. e no fim o... motocross.

— Oh carai! Por isso, andam «p'ra lá» a dizer que Fão morreu. Que já não há cascalho. Pudera! só há notas de dez mil. Ena! Pá! Quanta Rainha da Sucata tem a nossa terra! Oh que carai! mô!

Mô, oh carai, tu sabes que a nossa gente teve sempre a mania dos textos anónimos — antes e depois —. Gostaram e gostam da clandestinidade. Vai daí, mô, escrevem a dizer mal do que está bem e dizem bem do que está mal.

— Mô, são repetidos! ó carai, são. É só para lançar a confusão. Olha, todos estamos de acordo que o «Palácio» das dormidas... e não só... está bem localizado e é o melhor empreendimento erguido em Fão, nos últimos vinte anos.

— É verdade, mô. Ó carai! Quem não se lembra de Fão nos anos sessenta?

— Ó nina, aquilo é que era! Estrangeiros(as)! Tantas! E Portugueses ó cheiro? Ruas cheias... Cafés cheios...

— Ó carai, os rapazes de Fão sabiam mesmo da poda. (escreva poda). Não faltavam com o apoio.

— Mô, agora, é assim: Presos por ter cão, presos por não ter. Os autarcas apanham cada mocada! Por isso... dizem que «final já tudo estava previsto...»

— O quê, mô, a mocada?

— Não, essa só depois do Palácio pronto.

— Mô, se não for com moca, mandam-se uns pasquins, por implantarem em Fão, nos anexos do Senhor e divertimentos, um empreendimento turístico de milhares de contos...

— Ó carai. Eu gostaria mais das tascas das festas...

— E, tu mô!

— Eu, não. Sou pelo progresso de Fão. Ruas cheias! Noites animadas! Cafés superlotados de «camones», fumo e cerveja.

— Mô, lembras-te da festa de natal na nossa escola?

— Ó carai... se me lembro...

— Este ano também houve Natal. Sim, na Escola Amorim Campos, sediada no Ramalhão e nas Pedreiras, houve festa de Natal. Como vai sendo tradição, os pais esmeraram-se nas «toilettes» dos seus meninos: roupas novas, bonitas e de «boutique». Não compareceram à distribuição dos prémios, salvo meia-dúzia de excepções. É pena! Não apreciam o mérito dos seus rebentos nem o trabalho das senhoras professoras e professor que, para além dos seus afazeres diários, são incansáveis na preparação do almoço, no seu serviço e distribuição por tantas mesas.

— Será que os pais, os educadores têm conhecimento de quantas horas são dispendidas nestas tarefas, para além de um horário já tão carregado?

— Ou será que ainda pensam que o professor só trabalha seis meses por ano? E três horas por dia? Os que assim pensam não frequentaram a Escola Amorim Campos.

— Devem alinhar pela rádio do «eu é que xei» ou do «bater é fácil» ou do senhor 100% (cem por cento) em campanha pré-eleitoral ou do Comadre Alentejano — se não for alentejano pode ser outro (—ano) qualquer. Paciência!

Presentes na consolda dos meninos da Amorim Campos estiveram poucos, mas fiéis, como fiel era o bacalhau com batatas «à moda do Natal» que a Junta de Freguesia pagou, confeccionou e ofereceu a duzentas crianças de Fão e Pedreiras. Uma freguesia, duas Escolas! Que pena! Uma sala de jantar tão grande não justifica duas cozinhas, a não ser que haja outros cozinhados...

A Porto Editora também se fez representar, oferecendo duzentos livros — um a cada aluno — no valor de duzentos e tal escudos. É que a Porto Editora também tem sangue fangueiro e quando alguém de Fão lhe «bate à porta» nunca diz não. Sem placas toponímicas ou elogios públicos, a família Carneiro Teixeira está sempre presente, ofertando livros e outros benefícios — que o testemunhe o Caminho das Rodas e o terreno «comido» à Casa da Cascatinha —.

Presentes estiveram ainda nesta Festa elementos da Junta de Freguesia; Mesa da Misericórdia; Arcipreste de Fão e o Presidente vitalício da Cantina.

A festa foi para as crianças e estas deliraram com o almoço; com o Pai Natal; com as prendas. Foi-lhes recordado o nome dos professores e beneméritos que já participaram e da razão da não existência actual de uma cantina que «virou» Centro de Saúde à revelia. Que os professores actuais saibam manter viva a chama e o legado dos que por lá já passaram e possam «amanhã» transmitir aos vindouros seus sucessores o ideal que sempre animou a Família Docente das Escolas Amorim Campos que já tantas «Doutores» fecundou e o Bom Nome espalhou pelo universo escolar.

— Ó carai, mô... sabias que na curva da ponte — lado norte — desapareceu metade do «auto-saft» porque já não safava ninguém! Agora, mô, o próximo que lá cala vai direitinho ao rio. Que grande mergulho? Não tem resguardo. Talvez, por

isso, os condutores são, presentemente, mais cautelosos...

— Mô, aquele que lá existia já não resguardava. Só enganava. E vai daí, a Junta Antónoma das Estradas retirou-o e fez muito bem, deixando os automobilistas aptos ao vôo de mergulho nas águas poluídas e fundas do rio Cávado, como outrora tantas vezes aconteceu.

— Os Bombeiros estão avisados. Um barco, no rio, espera o sinal de... avançar.

— Ó carai, mô, já que falámos do rio Cávado, mais um fenómeno!

Enquanto um veículo faz campanha anti-poliuição, as lampreias vão chegando. Os restaurantes locais já as anunciam nas suas ementas e um pescador-amador de cana e anzol «anzolou» uma lampreia com cerca de um quilo. Não a fogueu, nem ensacou, nem a cançou, isto é, quando puxava — enrolava — a linha, o anzol engatou a lampreia pelo orifício respiratório. Mais um fenómeno de Fão! Com cão, guarda-chuva e à mão já vimos apanhar lampreias mas ao anzol é a primeira vez. Registe-se.

— Ó carai, mô. Tu também cantas «as Janeiras». Também, ó!

*«Vamos, vamos, vamos todos
Pelas ruas a cantar
Vamos todos reunidos
O Bom Jesus ajudar.»*

*Boas-Festas, Boas-Festas
Boas-Festas vimos dar,
Vimos cantar as Janeiras
Para as festas melhorar.»*

— Prepararam-se as Festas de Fão e do Senhor Bom Jesus. A tempo e horas a Comissão — a mesma do ano passado — já saiu à rua a cantar as Janeiras engrandecida e numericamente aumentada — eu que o diga — para angariar uns contos de réis e festejar com dignidade e pompa o Santo da nossa devoção. Como tem acontecido todos os anos quer com esta quer com outras comissões.

Ó diá! — Mais retalhos:

— A Santa Casa da Misericórdia anunciou a criação de apoios ao domicílio. É um óptimo serviço, pois os carenciados terão, em casa, na sua própria casa, um serviço médico, enfermagem e outros apoios sem precisar de deslocação ao Hospital. Não é vergonha nem ficará muito dispendioso — supomos — pedir auxílio à Santa Casa. Que todos os que precisam batam à porta da Instituição pois ela os servirá o melhor que sabe e pode.

— Nesta instituição estão a funcionar cursos de aprendizagem e reciclagem da profissão hospitalar. A Santa Casa, pelos vistos, não dá só emprego, também dá formação e trabalho, sobretudo trabalho que é uma das Obras de Misericórdia.

Ó diá...! — A torre da igreja Matriz, o espaço dos sinos foi iluminado. O aspecto nocturno desta zona é mais faustoso. Faz lembrar os «monumentos nacionais». Faz só lembrar. O dedo e interesse da Junta de Freguesia pressentem-se no malhoramento.

Ó diá, mô! — Já agora um reparo. Dois. Quando se proíbe o estacionamento, mesmo junto ao templo. Há domingos em que a porta principal vem automóveis a obstruir a entrada. Serão necessários mais vasos/arbustos? E a piscina do adro? Quando se acaba com aquele aquário? A Junta (esta) vai resolver o problema. Estamos certos.

— Para terminar, o Presidente da Junta concedeu-nos uma entrevista. Será publicada no próximo número, se tivermos espaço e oportunidade jornalística.

(1) Mô... ó carai! ó diá! — Expressões típicas do linguajar fangueiro que exprimem admiração. Mô = amor; ó carai! = ó que ai!; ó que diá! = ó que diabo!

BOAS FESTAS

É curioso que cada época do ano reveste-se de uma ambiência própria, o que torna as pessoas conformadas e contentes com o momento que passa. Se estamos no verão, o calor agrada, estamos ou entr'amos em férias, damos passeios, mergulhamos no rio ou nomar, enfim modificamos a habitualidade do cotidiano. Se nos lembramos nessa altura do inverno, berr... que friol... Até sentimos arrepio pelo corpo dentro.

Vem o inverno, surge o frio, mas o ambiente do período natalício como que nos aquece. As pessoas começam a pensar nos presentes, o que de certo modo contribui para nos aquecer em termos emocionais e nos faz desejar o dia de Natal, dia de prendas por excelência. Mas logo a seguir ao Natal surge a chegada de um novo ano e com ele a esperança de melhores dias.

É costume mandar-se cartões sobretudo aos amigos. É um testemunho, uma afirmação de que as pressas se lembram uma das outras. E depois retribuem-se os cumprimentos.

Tiveram a amabilidade de nos cumprimentar: os Ex. mos Senhores: Alberto Figueiredo, Presidente da Câmara; Eng. Adelino Miranda Marques, vereador da Câmara; José Manuel Torrão, delegado no Porto da D.G. da Comunicação Social; Fernanda de Castro, Presidente da Direcção da Casa do Minho em Lisboa; Aníbal Soares, do Hotel do Pinhal; Dr.ª Maria Rosa Portela, de Esposende; Dr.ª Rosália Teixeira, da Porto Editora; Manuel Sá, de Braga; Comissão de Festas da Sr.ª da Bonança de 1991, 1992 e 1993; Centro de Formação Profissional para Jornalistas; Bombeiros Voluntários de Fão; Dr. Agostinho Teixeira, da Escola Secundária + Ciclo de Apúlia; Dr.ª Maria Celeste Portela, da Póvoa de Varzim; Direcção Regional de agricultura de Entre Douro e Minho; Dr. Américo Seixas, do Porto; Dr. António Gutierrez, deputado do PS; Armando Torres, de Fão; João de Barros, do Porto; Odete Piroto, de Lisboa; Dr.ª Maria Ângela Soeiro, Portimão; Maria de Lourdes Salazar, Coimbra; João de Barros, Porto; o Presidente do Conselho Executivo do Telecom Portugal Eng.º José Gonçalo Ferreira Areia; Fernando de Almeida, do Porto; Publímio; António Miquelino e Igraja do S. Sacramento, Lisboa.

F. Almeida mandou, como vem sen-

Os Irmão Matias em grande plano

Os irmãos Matias começam a ter nome em Lisboa. Erigiram na Igreja do Santíssimo Sacramento um monumental presépio que tem sido muito visitado tanto por nacionais como por estrangeiros. Foram assinalados os principais lugares por onde passou Cristo: Nazaré, Samaria, Lida, Arimateia, Emaús, Jerusalém, Campo dos Pastores e Belém.

Todas as maquetas foram construídas em madeira tendo os seus autores, Zeca e Casimiro consumido 5.000 horas de trabalho.

Durante os dias da exposição, deram a sua colaboração artística vários corais religiosos e entre eles o Coral do Bom Jesus de Fão.

Relembre-se que este coral é regido pelo mano Casimiro que aprendeu música para tal fim.

Com grande orgulho e alegria damos esta notícia a todos os fangueiros e amigos de Fão.

do costume, dois postais que nós gostosamente inserimos no jornal.



Agradecemos a amabilidade que tiveram conosco e para todos, onde incluímos, os nossos anunciantes, colaboradores e assinantes, formulámos votos sinceros de prosperidade económica e saúde.

RUA DO TERCEIRO MUNDO

A rua onde «O Novo Fanguero» tem o seu aquartelamento chama-se Rua de Cima. Por azar nosso a Junta anterior teve a má ideia de a cimentar. Não há dúvida que foi uma boa medida tendo em conta a melhoria do aspecto com que ficou. Só que a comodidade que ela proporciona constitui o campo ideal para o rapazio jogar a bola, o pião, o pateiro, etc. Claro que quem paga a factura de tais folguedos são os automóveis que ali ficam estacionados nomeadamente o nosso que ali colocamos ao fim de semana. Logo de manhã sente-se o bater das bolas no chão, ou contra as portas, o que é bastante incómodo para as pessoas que trabalham fora e vem a Fão aproveitar o descanso depois de uma semana de trabalho. A gente exaspera, telefona para a G.N.R., ela diz que vai mandar uma patrulha, etc., etc. Talvez por acaso nunca vimos nenhuma por estas redondezas. Claro que nós ralhamos, barafustamos mas não adianta. Ou melhor, ficamos na lista negra da rapaziada que, não há dúvida, reage com atitudes criminosas. Há tempos atrás riscaram-nos, com um prego, o carro a toda a volta. Lá foram dezenas de contos.

Este último fim de semana mandaram um pião ou uma pedra ao vidro dianteiro e ficou um buraco, ou se quiserem um buraco mas o suficiente para termos que colocar um vidro novo.

Perguntamos: temos direito ou não ao descanso? Estamos num país do Terceiro Mundo ou num país civilizado?

Mais uma vez solicitamos ao Comandante da G.N.R. de Esposende que mande os seus homens identificar o rapazio da rua e que obrigue os respectivos patzinbos a pagarem as facturas.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:

Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 - Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
Praça João XXIII - Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

A BRASILEIRA

PORTO



PELO LAR DA TERCEIRA IDADE

O Lar da Terceira Idade tem a seu serviço uma Directora do Pessoal. Chama-se Gracinda Cardoso (dr.ª) e constitui um elo de ligação entre a Direcção da Misericórdia e o pessoal em serviço naquela unidade de assistência.

A quando da comemoração do centenário de uma hóspede do Lar, ultrapassou-se em simpatia para nos prestar as informações que solicitamos.

Esperamos que a sua estadia entre nós se prolongue por muito tempo.

MORREU O ARQUITECTO VIANA DE LIMA

Com 78 anos de idade faleceu no Porto o arquitecto Alfredo Evangelista Viana de Lima que era natural de Esposende onde nasceu a 18 de Agosto de 1913.

A ele se referiu o Arquitecto Gomes Fernandes, vice-Presidente da Câmara do Porto: «desapareceu um dos últimos monstros da arquitectura do Porto e um dos protagonistas do modernismo dos anos 40 e 50». Por sua vez o ilustre esposendense, no dizer de Pádua Ramos era «um homem do seu tempo, culto e profissional exemplar».

Podemos até afirmar que Viana de Lima era um cidadão do mundo, um arquitecto que não cabia nas fronteiras portuguesas. Com efeito foi membro da Associação Internacional Le Corbusier e foi distinguido com a Medalha de Honra do Governo do Estado de Baía. Foi presidente da Comissão Nacional do Património Arquitectónico Europeu e onde assumiu a presidência da Comissão Organizadora do Instituto de Salvaguarda do Património Cultural e Natural. Colaborou com o Arquitecto Óscar Nicmayer em vários projectos, nomeadamente na construção do complexo Casino-Hotel-Palácio de Congressos do Funchal. Várias vezes nomeada consultor, foi conselheiro muito respeitado junto do Comissariado para a Renovação Urbana da Área da Ribeira - Barredo.

Extraímos estes dados do «JN» mas o perfil de Viana de Lima não se esgota nem de perto nem de longe com estas «mostras» do seu real valor.

Cuidamos que Esposende prestará justa homenagem, ainda que póstuma, a um dos seus mais ilustres filhos.

AMIGOS DE «O NOVO FANGUEIRO»

Cumpra-nos assinalar que muitos fangueiros nutrem um grande carinho pelo seu jornal, O Novo Fanguero.

Todos os meses temos disso testemunho. Ainda neste número vem um texto de Adeline Saraiva. Não foi por ser nosso parente muito chegado. Foi, sim, por grande amor à sua terra, pois O Novo Fanguero é uma instituição de Fão.

O nosso bem haja a todos os quantos nos ajudam.

Voto de Louvor ao Presidente Alberto Figueiredo

Enviado pelo dr. Manuel Albino Penteadado Neiva, em nome do vereador do Pelouro da Cultura, recebemos uma nota assinada por onze membros do PSD da A. M. de Esposende em que se justifica o voto de louvor na pessoa do Presidente da Câmara de Esposende Alberto Figueiredo.

Recebemos a carta quando tínhamos regressado da Póvoa onde fomos fazer a revisão das provas. Reservamos para o próximo número os comentários que julgamos pertinentes.

ESPOSENDE — PÁGINAS DE MEMÓRIAS

Recebemos em tempos o livro actua intitulado, da autoria de Manuel Alberto Penteadado Neiva (dr. Neiva). Lê-se com muito agrado e a nós aconteceu que, começando a folheá-lo, só «fechamos a luz» depois de o percorrer demoradamente nos seus 32 capítulos. Trata-se de um trabalho de pesquisa laboriosa e paciente. As fontes consultadas permitiram ao autor desvelar o véu de silêncio e escuridão que encobrem normalmente os eventos do passado. O modo como o plano da obra foi concebido, por insuficiência de informação, ou antes, por dificuldade em encontrá-la, não nos permite uma visão sincrónica das várias épocas da história de Esposende nem tão pouco diacrónica, por lapsos de tempos que entre os factos se intermeiam. São, porém flashes, fogueiros luminosos que constituem subsídios importantes para a história do concelho.

Os aspectos da vida de Fão foram contemplados por Manuel A. P. Neiva com mais abundância do que nas restantes freguesias. A nossa terra tem de facto muitas coisas para contar. São os seguintes os temas que se referem à terra fanguera: Fão na cartografia do séc. XVI — A fonte de Santo António — Aspectos ambientais de Fão no século XIX — Para a história náutica de Fão — A criação de um tabelião na vila de Fão — O Facbo da Bonança — A ponte Luís Filipe sobre o Cávado (Atenção, Junta: em 7 de Agosto deste ano celebra-se o centenário da sua inauguração). Além destes, há dois que incluem simultaneamente Fão e Esposende: Os Bombeiros de Esposende e Fão. A ligação do telefone entre Esposende e Fão. Nas notas para a arquitectura de Esposende faz-se uma alusão à nossa igreja Matriz, nomeadamente à construção da torre, ao arranjo do telhado e à capela-mor. Apresenta ainda uma relação de todos os combatentes do concelho que tomaram parte na I Grande Guerra (1914-1918). Eis a lista dos fangueiros ex-combatentes que em 1935 viviam na terra de Fão: Manuel Albino Magalhães Vale, Adolfo Barros Dias Fernandes, António Mariz Júnior, Cândido Vilas-Boas Soares, Amadeu Francisco da Silva, Amândio Gonçalves Carvalho, Manuel Fernandes da Costa, Sebastião Carlos e José Francisco da Fonte. Finalmente indica um quadro-resumo das cartas quintentistas que trazem mencionado o nome de Fão: a primeira de Pedro Reinel (1486) e a última de Pedro Teixeira Albernaz (1662).

Trata-se, sem dúvida, de uma obra de muito interesse que devia figurar na estante de todos os fangueiros e não só.

Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

FESTA ESCOLAR

Realizou-se em Dezembro a tradicional festa escolar para a distribuição de prémios. Eis a lista dos alunos premiados:

Prémio Prof. Pio Rodrigues — melhor aproveitamento (37.000\$00): João Filipe Cubelo Arantes Ferreira Furtado, Ana Cristina Reis Pedrosa Campos, Fernanda Alexandra Figueiredo de Sá, Almerinda Carvalho do Monte, Aida Patrícia Arantes de Oliveira.

Prémio Portugal Marreca (50\$00): Bruno Alexandre da Costa e Castro Fernandes e Liliana Palmeira Cachado. Outros de 10\$00: Rodolfo Gaifém Soares e Gomes do Vale (4.ª), Nuno Vasco Ferreira (4.ª), Pedro Cubelo Arantes Ferreira Furtado (3.ª), Rui Edgardo Gonçalves Oliveira (3.ª), Vítor Jorge Lopes da Fonseca, Mariana Capitão da Silva (4.ª), Sílvia Melina Mendanha e Silva G. Vaz (4.ª), Cátia Cristina Reis Simões Pereira (4.ª), Sandra Filipa da Calçada Hipólito da Silva (4.ª), Ana Raquel de Oliveira Figueiredo (4.ª).

Prémio Campos morais (40\$00): Maria João Carvalho de Matos e Manuel Jorge do Monte Ferreira.

Prémio Prior António Nogueira (comportamento moral): Manuel José do Monte Ferreira e Maria João Correia Pinto Carvalho de Matos.

Prémio Escultor António Esteves (carácter): Nuno Vasco Ferreira e Inês Maria de Jesus dos Reis.

Prémio Santa Casa da Misericórdia (melhor trabalho subordinando ao tema «A Santa Casa da Misericórdia: seus beneméritos e sua acção social»): Ana Cristina Reis Pedrosa Campos e Rodolfo Gaifém Soares e Gomes do vale.

CANTINHO DO ADVOGADO

De futuro vamos criar uma nova secção, chamada Cantinho do Advogado. Nele colaborarão os nossos bons amigos dr. Jorge Catmoto, da Póvoa de Varzim e José Manuel Madureira, de Esposende, em sistema alternado.

Quem desejar, pode fazer perguntas que serão enviadas para a redacção do jornal.

Acabando os perfis, vamos iniciar outra modalidade: O perfil através do questionário. Estende-se uma grelha de perguntas a uma pessoa que, ao responder, está a projectar a sua personalidade.

O NOVO
FANGUEIRO
FÃO